# "Debaixo da macieira..."

## *Cantares à luz de Ct 8,5-14*

### PELA FORÇA DO ESPÍRITO

Cantares, um livro cheio de segredos! Uma destas partes da Bíblia que pouco se lê, mas muito promete. Guarda segredos.

Bem que se sabe que Cantares é uma delícia. Mas, ao mesmo tempo, a gente evita ler esses capítulos. Fica proibido. Ninguém o diz assim claramente. Afinal, Cantares está na Bíblia! E quem haveria de querer ir contra as Escrituras? Ninguém. Mas mesmo sem ir contra, por aí, nas comunidades, vai se contornando Cantares. Suprime-se. Esconde-se. É que não cabe bem no tipo de Igreja que temos constituído. Fica um tanto na contramão, já que nos colocamos a caminho de uma prática da fé para nossos dias.

Nesta inquietação que nos vai pelo coração por um testemunho fiel a Jesus, por uma oração na força do Espírito que tudo ilumina e renova, Cantares vem bem. É que nos ajuda no amor à Escritura, à qual Cantares pertence, não por acaso e nem por acidente. A ela pertence pela força do Espírito.

Mas, como ler?

### CANTIGAS DE AMOR

O jeito de ler faz diferença. A porta de entrada marca a casa. Por isso, convém ir observando desde o começo, com cuidado, para ler com proveito, para que dê graça, para que resulte em graça.

Há várias propostas. E, em meio a elas, não me arrogo poder apresentar nenhuma proposta certeira. Os caminhos possíveis são diversos. E certamente até convém exercitar vários. Cada caminho oferece lá suas paisagens. Um não elimina o outro, ainda que seja distinto. A vantagem em caminhos diversos está em tais vistas distintas. Um possibilita visões que outros não permitem. Por isso, nada de receitas. Receita é boa quando fazemos nossas sopinhas. Aí sim é

bom seguir o método mais proveitoso. Na leitura, os olhos são muitos. E quanto mais, melhor.

A proposta que tenho vem de umas experiências. Aqui na comunidade, em Guarulhos, seguimos por este trajeto. E fui gostando do jeito. Depois, também tive reuniões com outros grupos bíblicos, em que exercitamos a proposta que segue. Li bibliografia a respeito. E desta mescla de experiências e leituras sai a proposta que segue, e que, aliás, nem é só minha. Há caminhos que quanto mais pisados, melhores, mais firmes.

Mas, tomo a liberdade de começar pela crítica. É, sempre de novo, a crítica! Parece até que para se dizer a opinião própria, aquilo que mais nos convence, precisamos distanciar-nos de outros. Até doença parece, essa mania.

Contudo, em nosso caso, acho inclusive que é preciso fazê-lo. É que você, leitor(a), terá aí diante de seus olhos uma das traduções da Bíblia. E nelas, seguramente, já se espelha uma proposta de leitura. E essa proposta, presente via de regra nas traduções da Bíblia, ao meu ver, pouco ajuda. Até atrapalha, para ser sincero. Por isso, preciso criticá-la de saída. E, você, faça aí seu julgamento, para que minha crítica não desande neste estéril polemizar.

Então, a coisa de que se trata é a seguinte. Nas traduções de Cantares tende-se a distribuir os diferentes versículos e diferentes vozes. Transforma-se o texto numa espécie de peça de teatro, em canto responsivo. Umas traduções fazem de conta que o livro devesse ser falado pelo "amado" e pela "amada". É o caso da Bíblia de Jerusalém. Outras pensam que o cenário fosse ocupado pelo "esposo", pela "esposa" e pelo "coro".

Por certo, muitas são as vozes que, em Cantares, se manifestam. Este livro não é obra de uma só pessoa. Tem jeito de diálogo. É conversa amorosa, sim. Os textos são pensados como estando na boca de pessoas diferentes. Uns são palavras da mulher, outros do homem. Neste sentido, tais traduções não deixam de ter lá suas razões. Aliás, há até quem queira justificar estas atribuições das diversas canções a diferentes vozes, de jeito teatral, recorrendo ao caso de certas cerimônias matrimoniais em uso ainda no século passado, no ambiente palestinense. Esta tem sido até a explicação mais acadêmica para esta atribuição de Cantares a diferentes atores e atoras. Como dizia, nisso há algo de verídico, mas quando aplicado assim de jeito meio mecânico, como aparece nas traduções da Bíblia, tende a falsificar as canções.

Por isso, recomendo seguir por outro trilho. Temos aí em Cantares uma coleção, bem organizada, como logo veremos, de canções de amor. E, é da natureza de tais canções que sejam faladas por mulheres e/ou por homens, ou por quem, qual terceiro, observa e reflete poeticamente sobre amor e paixão. Cada uma destas cantigas de amor tem sua dinâmica, tem sua abordagem. É bom procurar identificá-la, vez por vez. Quem fala, ele ou ela? De que perspectiva se aborda o amor? Mas não convém querer distribuir, como se se tratasse de teatro, os papéis, meio que automaticamente, a diversos personagens.

O que temos aí são cantigas de amor. Cantares é uma espécie de cancioneiro da paixão. O que se cantava, se foi juntando, se foi reunindo.

Mas, este cancioneiro de cantigas de amor, de tanto usar e cantar, foi pegando organização. Foi sendo ajeitado. E resultou num conjunto de poemas.



## CINCO POEMAS

Percebe-se que o próprio livro do Cântico dos Cânticos estabelece subdivisões. Vale-se de algumas repetições que hão de ter a função de marcas, de limites, de divisórias.

Após alguns versículos introdutórios (1,1-4), são citadas, em 1,5, aquelas a quem o livro, várias vezes, apela: *"ó filhas de Jerusalém"*. Aí começa uma unidade. Seu final está em 2,7: "conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém". Chamaria de poema este conjunto: *1,5–2,7*. E este, que acabo de identificar, é o primeiro.

Com este mesmo 2,7, que estabelece o final de um poema, também já começa um novo. Este segundo se compõe de *2,8–3,5*, pois em 3,5 temos o mesmo apelo de 2,7: "conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém". Estes dois "refrões" de 2,7 e 3,5 são idênticos, o que, com pequenas variações, também vale para os que mencionarei logo abaixo.

O terceiro poema é significativamente maior. Estende-se até 5,8, até aquele "conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém". O poema é, pois, *3,6–5,8*.

Segue a unidade maior, que vai desde 5,9 até o próximo "refrão" ("conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém"), em 8,4. O quarto poema, o mais amplo, abrange *5,9–8,4*.

Pode-se ter dúvida sobre a última unidade, a partir de 8,5. Mas, penso que também ela, ainda que de modo especial e conclusivo, funciona como quinto poema: *8,5-14*.

Permanecem certas dúvidas, e alguns detalhes ainda teriam que ser acrescentados, mas pode-se dizer que Cantares se divide em cinco partes, em cinco poemas: 1,5–2,7; 2,8–3,5; 3,6–5,8; 5,9–8,4 e 8,5-14.

O argumento principal para esta subdivisão se encontra nas repetições em: 1,5; 2,7; 3,5; 5,8; 8,4. Há outros indícios mais que podem reforçar esta observação, quando se vai aos detalhes do texto.

Cada um destes poemas tem uma dinâmica interna própria. Vejamos alguns indícios de tais diferenças e especificidades de cada poema. Mas lhes é comum que contêm um certo número de canções menores, de cantigas de amor.

## CADA POEMA TEM UM ACENTO ESPECIAL

Típico do primeiro poema (1,5–2,7) é que ele reúne um número elevado de pequenos versos de amor. Digo "pequenos" em comparação com tais versos ou cantigas nos demais poemas. Ao todo são sete: 1,5-6; 1,7-8; 1,9-11; 1,12-14; 1,15-17; 2,1-3; 2,4-6. Percebe-se que há cantigas que se assemelham. Por exemplo, 1,9-11 e 1,12-14 estão mais próximas. Poder-se-ia aprofundar o estudo para verificar que outras cantigas são mais afins. Em todo caso, há uma clara seqüência de verso de amor para verso de amor. Há algo de narrativo. Começa pelo desejo do encontro, ao meio-dia (no caso, a hora do amor), em 1,7. O encontro ocorre debaixo dos ciprestes, em 1,17. E se consuma na relação sexual pressuposta em 2,4-6. Lógico, esta não é a uma narração no estrito senso, e muito menos é biográfica, é antes um roteiro poético do todo do poema.

Diferente é o segundo poema (2,8–3,5). Enquanto o primeiro leva a marca do encontro, o segundo leva a marca do desencontro. É o amor que deseja,



BIBLIOTECA
Frei Capuchinhos

mas não leva chance. Temos, a meu ver, três cantigas reunidas neste poema. Claros são 2,8-14 e 3,1-4. Em 2,15-17 estamos diante de um desafio para a interpretação. Ainda assim as "raposas" a que se refere são, em figura, o que atrapalha no encontro. Este poema conclui em 3,4 "no quarto daquela que me concebeu", num abrigo para os amantes. Aqui e em outros lugares a figura da mãe é positiva. A ela se pode recorrer.

O terceiro poema (3,6–5,8) é difícil, mas, a meu ver, todo especial. É difícil de subdividir. É difícil quanto à interpretação, em 3,6-11 e 5,2-8. Mas, é um poema especial: Está no centro! – A meu ver, 4,1–5,1 poderiam ser entendidos como uma retomada do primeiro poema, de 1,5–-2,7. Ou seja, o encontro desejado acontece (5,1!), é celebrado. Poder-se-ia, pois, entender esta ampla cantiga do centro deste terceiro poema em paralelo ao primeiro. Ora, o final, 5,2-8, claramente retoma uma parte do segundo poema, ou seja, 3,1-4. Sim, em 5,2-8 a questão é justamente o contrário de 4,1–5,1: Trata do desencontro ("espancaram-me os guardas"). – E, 3,6-11? Este trecho é quase um enigma. Mas, ao meu ver, até precisa apresentar-se assim enigmático, devido ao seu conteúdo. É que se refere ao que chamo de "figura messiânica". Nesta cantiga, Salomão é positivo (diferente de 8,11-12, veja a respeito logo abaixo). Tem contornos utópicos, messiânicos. É o messianismo de amor e paixão.

O poema maior é o quarto (5,9–8,4). Os poemas, vez por vez, aumentam. Vão num "crescendo". Talvez queiram apontar assim para o amor que aumenta, que sabe crescer. O próprio jeito do texto expressaria, pois, uma intuição de conteúdo. Suas cantigas finais são longas e estão entrelaçadas, no que são muito diferentes do primeiro poema (1,5–2,7). São principalmente entrelaçadas no que simbolizam em nível de texto os abraços dos amantes. Identificando as seguintes canções de amor: 5,9-16; 6,1-12; 6,13–7,13 (outra numeração: 7,1-14) e 8,1-3. Caracterizam o encanto entre amantes (5,9-16 + 6,1-12), o enlace dos abraços e das danças (6,13–7,13), e enfim a relação sexual (8,1-3, semelhante a 2,4-6). Este quarto poema é, certamente, aquele em que o texto é mais contínuo, mais completo.

O quinto poema (8,5-14) é conclusivo. A ele e a suas cantigas (8,5-7; 8,8-9; 8,11-12 e 8,13-14) proponho dar uma atenção bem especial, e a seguir serão tematizadas em seus conteúdos.

Cada poema tem seu especial encanto. Compõe-se de outra maneira. Em minha experiência, vale a pena utilizar esta divisão, em poemas e cantigas, de roteiro para a leitura e o aprofundamento em Cantares e no amor.

A seguir o faremos em um exemplar, deixando-nos levar pela "mão" do poema final, 8,5-14.

## PELA MÃO DE UMA TRADUÇÃO

Vamos, pois, a um poema de Cantares. Mas vamos a ele pela mão de uma tradução.

Pois, veja, a gente sempre "lê" a Bíblia pela "mão" de alguém. Então, não há que temer as "mãos". Tema antes quem lhe diz que lê a Bíblia sem "mão", como se ele fosse a Bíblia, como se sua "mão" fosse de ferro e aço, como se nem "mão" fosse, como se tudo soubesse. Não! Tome a liberdade de ir por suas "mãos",



de outras, de outros, ouvindo e dizendo, compartilhando e praticando. Desse jeito, com "mãos" e "pés" hás de entender. É que o Espírito faz brilhar as letras por tais "mãos", frágeis, como são as de nossa tradução de Almeida ou da Bíblia de Jerusalém.

Sim, são frágeis essas "mãos" da tradução de Almeida, de qualquer tradução. Tem os meneios de seus tempos, antigos, como sabemos. Um português cerimonioso a nossos ouvidos. Umas idéias que já não são nossas. São queridas essas palavras, também cheias das idéias de seus tempos.

Veja um exemplo, pois são comparações que nos facilitam captar. Nosso Almeida, no capítulo 8, o que queremos ver mais de perto, vai distribuindo os versículos, como se estivéssemos em algum cerimonial de casamento, ao "esposo", à "esposa" e ao "coro". As intenções terão sido as melhores neste proceder. Mas nada tem a ver com a poesia do capítulo 8 de Cantares. Ela não era usada em cerimônias de casamento, e se ler todo Cantares, verá que nem se adapta ao ritual matrimonial. Aliás, o matrimônio justamente é um dos problemas para o livro todo.

Sim, boa foi a intenção de nossos editores da Bíblia-Almeida (e de outras também) em colocar títulos, pois nos orientam. Mas também atrapalham muito, às vezes até demais. É que vêm carregados com manias sociais em uso, com coisas tidas por "normais", que porém podem nem estar nas intenções do texto.

Não há como fugir. Vai-se à Bíblia por "mãos" de outros, mas redescobrir a Bíblia é também re-inventar as "mãos", é pôr os pés em novas direções. Realmente não dá para ser de outro jeito. Bíblia lê-se espiritualmente. Porém, cuidado, nas Escrituras o "espírito" (a *ruah* – feminino, olha lá!) não tem formas gregas, não paira solto pelos ares celestes, mas está aí em meio à história, à vida, ao concreto, aos beijos e amores. Também a *ruah*/Espírito se fez carne.

Por isso, digo: leia com as "mãos" , os "pés", o "coração", o "desejo", que equivale a dizer com a "alma", porque no hebraico a "alma" está pertinho do desejo.

Mas, vamos indo ao texto. A conversa sempre é boa. Mas o texto é que é o mais delicioso. É a sobremesa da qual você faz o aperitivo.

## SEPARANDO

Você pode ler a Bíblia assim como quem se deixa molhar pela água da chuva, despreocupadamente. Por que não? É bom.

Mas também precisamos procuramos "ver", buscar entender. Não, não há nada de mal em valer-se do entender, se bem que ele não seja tudo. Porque de tanto "entender" e calcular resultou que produziram uma pobreza que já não suporta nem mesmo quem se fez rico. Há tais problemas com o "entender", mas nem por isso podemos dispensá-lo.

Para "ver" melhor, é bom ir por partes. Quando a água é muita, pode nem dar para beber um copo. Por isso, vamos por partes, de copo em copo, neste capítulo 8.

Ele dá uns tantos "copos". Quatro ao todo. São estes: versículos 5-7, versículos 8-10, versículos 11-12, versículos 13-14. É como se estas partes fossem estrofes de um poema. São, pois, quatro partes, quatro "copos". E a eles estará

voltada nossa atenção. No geral, estas são as divisões que se propõem para o nosso poema, a magistral conclusão do Canto dos Cantos.

**DEBAIXO DA MACIEIRA**

Bonitas palavras são ditas e brotam debaixo das macieiras. Versos arrebatadores. Abre-se um novo mundo, justamente aí em meio ao arvoredo:

5 Quem é esta que sobe do deserto,
e vem encostada ao seu amado?

Debaixo da macieira te despertei:
ali esteve tua mãe com dores;
ali esteve com dores aquela que te deu à luz.

6 Põe-me como selo sobre o teu coração,
como selo sobre o teu braço.
Pois, o amor é forte como a morte;
a paixão é resistente como o Xeol;
a sua chama é chama de fogo,
verdadeira labareda de Javé.

7 As muitas águas não podem apagar o amor,
nem os rios afogá-lo.
Se alguém oferecesse todos os bens de sua casa pelo amor,
seria de todo desprezado.

A que vem do deserto é ela! Sim, é ela! O texto não deixa dúvidas a respeito: "Quem é *esta* que sobe do deserto?"

Isto é bem claro. Mas é também avassalador! Pois, basta que a gente se lembre do sentido desta figura: Vir do deserto! Ora, na história de Israel, o povo inteiro veio do deserto. Sua história o tem como berço. Vir do deserto, é vir das profundas raízes populares. De lá vem o que é bom, o que tem futuro. Deserto é, pois, um espaço pleno, carregado das forças da bela história de Israel.

Em especial em Cantares, o deserto é um lugar cheio de sentido. É a reserva de todas as memórias e esperanças. O livro termina com o convite: Vem, faze-te gazela! Vem ao deserto! Do deserto vêm os desejos, as esperanças! De lá é que ela vem!

O que segue é fruto dessa origem, dessas raízes no deserto! Desde este ambiente messiânico, que tem no deserto o seu berço, ela vem encostada nele, no amado, no amigo, para o encontro na macieira.

Do deserto se vem, para lá se foge em Cantares. Mas o encontro mesmo, o lugarzinho do amor é debaixo da macieira. Aliás, as mães já o sabiam. A mãe do amado já o sabia: "ali esteve tua mãe com dores", com dores de parto e de amores. É longa tradição. Coisa de mãe para filha, de mãe para filho: Espaço de amor é em meio ao arvoredo.

Por entre as folhas, debaixo das árvores se situa a "casa do amor". Na casa mesmo, naquela outra, aquela casa de verdade, ali não se dá o amor, em



Cantares. Lá mora o perigo, lá estão as ameaças. Lá estão os "irmãos", sempre dispostos a extorquir e a vender suas irmãs. Não, a casa de verdade não é o espaço de amor. Este tem nas macieiras seu ambiente.

Por isso, Cantares não decanta o casamento, por mais belo que esse possa ser. Ele decanta o encontro nas macieiras. Quem não percebe esse "detalhezinho", não capta o encanto de Cantares.

Mas este só é o começo das surpresas. Pois, responda-me, agora: Quem fala este poema? Afinal, nossas estrofes são fala dele ou dela?

Gente, são fala dela!

No hebraico, não há grande dúvida sobre este novo "pormenor": O "tu" do versículo 5 é um masculino. Logo, quem fala é um feminino, é ela.

Que surpresa! Estes versículos 5-7 são palavras de mulher. E, olha lá, estes versículos são justamente o que há de mais bonito, denso, forte, inspirado, no livro todo. Nos versículos 5-7, Cantares chega ao êxtase. E nele a mulher toma a palavra!

Aliás, no restante do poema de Cantares, na maioria dos versículos temos palavras de mulher. Por aí se vê que os antigos já "acertaram na mosca" quando diziam que Cantares era especialmente inspirado. Maravilha!

Mas, enfim, o que ela diz?

A quem vem "encostada" deseja ficar bem encostada, bem pertinho, em amor bem coladinho. É o que ela diz lá com suas palavras: Quer ser selo sobre o coração dele.

Isso de estar assim "encostadinho" celebra o amor como cerne da vida. É o que dá gosto a tudo. Pois, "amor" e "paixão" têm os poderes que, de resto, só mesmo a morte e a sepultura têm. Paixão enfrenta caixão! Atenção, este é um dom da paixão, não do "ciúme", como a tradução de Almeida, num desses lances de rara infelicidade, nos quer fazer crer. Não, Cantares não trata de ciúmes, mas da paixão.

"Amor" e "paixão" são, pois, plenamente positivos. São os que têm dons de enfrentar morte e caixão. Sim, são até de Deus. São "brasas" e "labaredas" "de Javé"!

Você também poderia traduzir esta expressão "labaredas de Javé" por "veementes labaredas". Poder pode. Mas, por quê? Muito mais evidente é traduzir "ao pé da letra". E literalmente amor e paixão, isso de estar encostadinho e aos beijinhos, são fogo de Deus.

Poucas vezes Cantares se refere expressamente a Deus. Aqui, no final do livro, põe ênfase em entrelaçar paixão e ação de Deus.

Nisso não há nada de extraordinário para a Bíblia, pois nela a sexualidade é obra do Criador. Não é feia e nem necessita de repressão, como veio a ocorrer na tradição cristã, dominada pela cultura grega.

Em Cantares, paixão e Javé têm boa amizade. Fazem parceria! A criação se renova na paixão.

A paixão é a tal ponto criativa, tanto inventa, que até enfrenta o próprio caos. As águas do caos não são capazes de destruí-la.

Morte, caixão, águas têm, no finalzinho destes nossos versículos, um estranho parceiro. Até parece ser seu chefe. O dinheiro, a grana, é seu parceiro. Desprezível é quem se põe a querer comprar o amor! Estamos num contexto em que casamento era negócio. Era algo semelhante a compra e venda. Cada mulher tinha lá seu preço, em ouro ou seja lá o que fosse. E uma vez que estivesse assim vendida, passava do domínio do pai e dos irmãos para o do marido.

Ora, Cantares designa essas "negociações" com mulher como: coisa desprezível! Não é por acaso que nossos versículos sejam palavras de mulher. Versos de muita paixão – e que paixão! – e de muita luta. Luta frontal contra o sistema de escravidão matrimonial!

## "SOU UMA MURALHA!"

É o que a nova estrofe continua a explicar (versículos 8-10). É o que bebemos no próximo "copo".

É desprezível comprar o amor! Os versículos 8-10 celebram a resistência contra essa "compra-e-venda" da paixão:

> 8 Temos uma irmãzinha
> que ainda não tem seios.
> Que faremos por nossa irmã
> no dia em que ela for pedida em casamento?
> 9 Se ela for um muro,
> edificaremos sobre ela uma
> torre de prata;
> e se ela for uma porta,
> cercá-la-emos com tábuas de cedro.
> 10 Eu sou um muro,
> e os meus seios são como as suas torres;
> aos seus olhos, porém, sou aquela que faz paz.

Agora não estamos debaixo da macieira. Estamos noutra casa, naquela de verdade. E lá os irmãos têm o controle. Mandam e desmandam.

Nessa casa, tudo tem seu preço. Em especial, as "irmãzinhas" têm seu custo. E o controle sobre este preço está nas mãos dos irmãos. Entre si ensaiam a futura "transação" matrimonial.

O valor é "calculado" de acordo aos seios e à força. O que vale na "irmãzinha" é a sexualidade e sua força de trabalho, são seus "seios" e sua "muralha"/força.

É óbvio: Este jeito de se referir à mulher não é nada delicado. A linguagem não é rebuscada. Não joga sutilmente com as palavras, dizendo uma coisa e pensando noutra. Esta linguagem sobre o valor da mulher tomando por base os "seios" e sua "muralha"/força chama tudo pelo seu devido nome. Não enfeita para provocar.

É palavra de mulher. É palavra de quem está sendo comprada e vendida. Por isso, não enfeita e nem esconde. Quer chocar! Provoca! Mostra o absurdo disso que é tão desprezível: Comprar a paixão!



E a resposta da "irmãzinha" a seus "irmãozinhos" – refiro-me ao versículo 10 – é realmente um encanto de rebeldia: "Sim, sou forte, sou muralha. E meus seios têm valor. Mas, não estão à venda. São para o amado amigo. São para a paz".

"Paz" neste caso há de equivaler ao bem-estar, à vida boa, aprazível, plena. Inclui, aqui, aparentemente também a relação sexual. Significados assim multiformes tem este termo na Bíblia.

E assim Cantares revela-se como canto da paixão e da rebeldia: Encostadinha no amado, mas de costas para estes irmãos que estão estabelecendo o preço da tão "querida" irmãzinha.

É, Cantares é mesmo livro inspirado!

## FICA COM TUA VINHA QUE EU CÁ FICO COM A MINHA

Víamos o quanto os versículos 8-10 davam continuidade ao final do versículo 7. Lá se denunciava quão desprezível é comprar e vender a paixão, esta labareda de Deus. E cá os versículos 8-10 foram concretizando o sentido deste caráter desprezível atribuído ao acontecimento do amor amarrado aos interesses comerciais dos "irmãos".

Ora, os versículos 11-12 se situam na mesma linha. Mas, dão um novo passo. Neles a crítica é estendida ao famoso rei Salomão, tido como um grandioso imperador na memória da gente. E justamente ele recebe palavras de duras críticas da mulher, que continua a falar também nestes nossos versículos.

> 11 Teve Salomão uma vinha em Baal-Hamom.
> Entregou-a a uns guardas,
> e cada um lhe trazia pelo seu fruto
> mil peças de prata.
> 12 A vinha que me pertence está ao meu dispor.
> Tu, ó Salomão, terás os mil siclos,
> e os que guardam o fruto dela, duzentos.

Salomão é criticado. Isso também se dá em outras partes de Cantares, se bem que em outras ele é enaltecido, como penso, em perspectiva messiânica. Contudo, não é o que se passa aqui. Nossos dois versículos são críticos.

Salomão tem suas produções de vinho. Manobra seus meeiros e seus guardas. Com eles faz suas transações. Recebe seus tributos. Cobra-os, pois governar é tributar a "vinha".

Essa exploração tributária acontece em Baal-Hamom. Lá está a vinha. Ou melhor, esta é a "vinha". Ora, não parece que este lugar tenha existido de fato. É mais um lugar imaginado.

Nele o mais importante parece ser o nome: Baal-Hamom. Bem que poderia ser traduzido por Baal da Confusão, um deus que cria baderna. Salomão criou baderna na "vinha", em Israel, com suas negociações, seus tributos, seus comércios.

Comprou mulheres. Formou um harém de muitas mulheres compradas. Em seu Baal da Confusão fez o que é desprezível: Submeter a paixão ao ouro!

Por isso, a cantora nem quer saber deste Salomão. Os siclos para ele, mas a "vinha que me pertence", "minha vinha", minha sexualidade não está à venda por siclos. É minha, diz a cantora de Cantares!

"Salomões" e "irmãos", bons sócios é o que são. Vendem irmãs, compram mulheres. Formam haréns.

Diante deles, a mulher afirma: A vinha é minha!

Palavra do Espírito, da *ruah* é esta. Você não acha? São palavras milagrosas que se erguem em meio à escuridão dos "salomões", pequenos e grandes, para se pôr a caminho da liberdade. Uma liberdade que não é para alguns poucos, mas liberdade para quem está mais pisado.

Bom caminho, este. Não lhe parece? É caminho do Espírito, da *ruah*.

## FOGE LOGO!

A paixão debaixo da macieira já não pode submeter-se às mortes produzidas por "irmãos" e "salomões". Por isso: Rumo ao deserto! Foge logo!

A magia está neste deserto. Lá o povo encontrou seu rumo. Formou-se para a história. Teve suas grandes venturas.

Por isso: Foge pra lá. Essa é a terra dos perfumes, a casa da liberdade!

13 Ó tu, que habitas nos jardins,
os companheiros estão atentos para ouvir tua voz;
faze-me, pois, também ouvi-la.
14 Foge depressa, amado meu,
faze-te semelhante ao gamo ou ao filho da gazela
que saltam sobre os montes aromáticos.

Esta palavra final é palavra de mulher. Chama para a liberdade.

## INESPERADO?

A gente talvez não esperasse perspectivas deste tipo em nossa Bíblia. É que a gente faz de conta que já a conhecia. Está enquadrada, e bota enquadrada nisso!

Enquadrada, por fim acaba falando quadrado. Assim, às vezes é nossa querida Bíblia, livro de histórias tão maravilhosas, tão surpreendentes.

Só que não tem jeito. Ela não se submete ao "quadrado". Ela estraga a festa.

Que tal: Vamos à festa desta vida pela "mão" da Bíblia? Destas histórias que testemunham a respeito da maravilhosa e escandalosa presença de Deus em nossas vidas?

## SEGUINDO CAMINHO

Cantares não deve continuar esquecido, aí em meio ao cânone sagrado. Talvez esteja esquecido porque não "fica bem" na Igreja. Então, este é um motivo



a mais para promovê-lo nas leituras, nas comunidades. Afinal, seria um tanto estranho, até esquisito, ficar com vergonha de um livro da Bíblia!?

Censurar a Bíblia? Não, lógico que não! Mas, não é o que por fim fazemos, se não lermos muito mais o Cantar dos Cantares?

Este meu ensaio busca animar a este ler nas Igrejas e quis compartilhar umas experiências já feitas.

*Milton Schwantes*
Rua Faria de Lemos, 84
07094-200 Guarulhos, SP